

**Instituição sede | Universidade de São Paulo (USP);
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH);
Departamento de Filosofia.
Supervisor | Prof. Dr. Marco Aurélio Werle
Candidato | Damião Esdras Araújo Arraes
Projeto de Pós-doutorado**

Título: A apreensão sensível da paisagem de Goethe aos naturalistas estrangeiros

Resumo:

No Brasil, os estudos que se dedicam à paisagem a compreendem simplesmente como a materialização de relações interativas entre o homem e o território. Essa definição é a abordagem usual da maioria das Ciências Humanas. Por outro lado, o termo “paisagem” abriga desde sua origem uma conotação estética, pensada como discurso valorativo da natureza. Assim, o objetivo desse projeto de pós-doutorado é introduzir a Paisagem como categoria do pensamento e parte do campo reflexivo da Estética. Busca-se ampliar sua noção para além das transformações sociais do espaço, celebrando as maneiras sensíveis de apreensão da natureza em texto e imagem. Além disso, pretende-se compreender a ideia de paisagem formulada entre a segunda metade do século XVIII e as primeiras décadas do Oitocentos, pondo luz nas obras de Johann Wolfgang von Goethe, de Alexander von Humboldt e dos naturalistas estrangeiros que visitaram o Brasil deixando suas impressões sobre a natureza apreciada e investigada. A obra de Goethe celebra a pintura de paisagem que evoca uma natureza apreendida pelo constante treino do olhar. Em Humboldt, a afinidade entre ciência e arte (empíria e estética) confere à paisagem a representação sintética da natureza. A educação do olhar goetheano e a conjugação da ciência com a arte presente nos escritos de Humboldt fazem parte da literatura de viagem dos viajantes estrangeiros que, por sua vez, modificou o significado da paisagem no Brasil. Antes, a natureza brasileira foi pensada em seus aspectos utilitários, como parte dos domínios da Coroa portuguesa voltado à exploração econômica. Privilegia-se a leitura entrecruzada entre literatura e pintura, ou mais precisamente entre o legível e o visível, instaurando os níveis e campos de pertinência de um discurso estético.

Palavras-chave: Arte – Estética – Goethe – Humboldt – Natureza – naturalistas – paisagem.

São Paulo, 2017.

Institution | São Paulo University (USP);
Faculty of Philosophy, Languages and Literature, and Human Science;
Department of Philosophy.
Professor supervisor | Ph.D Marco Aurélio Werle
Candidate | Damião Esdras Araújo Arraes
Postdoctoral Project

Title: Aesthetic apprehension of landscape from Goethe to the foreign naturalists

Abstract:

In Brazil, the studies that are dedicated to the landscape understand it merely as the materialization of interactive relations between man and territory. This definition is the usual approach of Human Sciences. In the other hand, the term “landscape” has had an aesthetical connotation since your origin, thought of as a value discourse of nature. Therefore, this postdoctoral project aims to introduce the Landscape as a thought category and part of Aesthetic reflective field. It seeks to widen its notion beyond social transformation of space celebrating the sensitive manners of nature apprehension by text and images. In addition to this, it intends to understand the landscape idea formed between middle eighteenth century and early nineteenth century focusing on Johann Wolfgang von Goethe literature, Alexander von Humboldt science and foreign naturalists’ narratives who visited Brazil underlining your impressions about the appreciated and investigated nature. The Goethe work celebrates the landscape painting which evokes a nature assimilated through educated view. In Humboldt, the affinity between science and art (empiria and aesthetic) confers to landscape the sinthetical representation of nature. The goethean’s methodology and the conjugation of science and art presents on Humboldt’s written are part traveling literature of foreign naturalist that, in turn, modified the Brazilian landscape meaning. Before, the Brazilian nature was thought of utilitarian aspects, as part of Portuguese Crown’s domains, areas for economic exploration. It privileges the interlacing reading between literature and painting, or more precisely between the legible and visible, establishing the levels and fields of pertinence of an aesthetic discourse.

Keywords: Art – Aesthetic – Goethe – Humboldt – Landscape - Nature – naturalists.

São Paulo, 2017.

1. Estética e paisagem: introdução e enunciado do problema

Este projeto de pós-doutorado nasceu de reflexões sobre estética e paisagem tomadas no desenrolar do mestrado (defendido, em 2012, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAU USP) e lapidadas ao longo dos quatro anos de doutoramento (FAU USP, 2013-2017). Em ambos os trabalhos (concluídos graças ao apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP¹), as paisagens do Brasil setecentista, em especial daquelas cunhadas como “sertões do Norte”, constituíram o cerne especulativo e empírico. Tratavam-se de pesquisas de leitura com chave interdisciplinar, dialogando sobretudo com a História da Arte e da Ciência, a Arquitetura, a Geografia, o Urbanismo e a Filosofia do século XVIII. Uma das preocupações heurísticas dos trabalhos voltou-se a interpretar os processos políticos emanados da Coroa portuguesa objetivados no espaço por meio de vilas e cidades projetadas *a priori*, as quais, em termos de desenho urbano, denunciavam suas vinculações às ideias ilustradas em voga na Europa de princípios do Setecentos.

Em paralelo, outras fontes bibliográficas e documentais apareceram às vistas nos oito anos devotados à tais investigações; contudo sem serem chamadas à narrativa, tanto do mestrado como do doutorado, devido aos aspectos teleológicos almejados relativos à construção sociopolítica das paisagens brasileiras no período colonial. Logo, este projeto visa a complementar as lacunas deixadas nos estudos anteriores no âmbito do entendimento da paisagem e suas relações com a Estética, a Arte e a Ciência, assim como desafiar o pesquisador a ampliar seus horizontes acadêmicos, trilhando por novas searas e instigantes caminhos, lançando luz sobre farta bibliografia que posiciona a Paisagem como categoria do pensamento. A autonomia da Paisagem, como campo reflexivo da Estética, é uma metodologia inovadora no Brasil, tendo em conta que ela tem sido pensada, em muitos casos, como simples “apêndice” das Ciências Humanas, como será discorrido em parágrafo ulterior. Esse é um dos objetivos da pesquisa, introduzir a paisagem como categoria do conhecimento, amplificando sua noção para além das transformações sociais do espaço, como se tem corriqueiramente divulgado nos circuitos acadêmicos nacionais. Pretende-se, portanto, celebrar as maneiras sensíveis de apreensão da natureza, em texto e imagem, como hermenêutica da paisagem.

¹ Os processos das pesquisas de mestrado e doutorado são, respectivamente, 2009/03232-4 e 2013/04404-9. No doutorado, a FAPESP financiou Bolsa Estágio de Pesquisa no Exterior - BEPE (processo 2015/07757-5) realizada na Universidade do Algarve sob a supervisão da Prof^a. Dr.^a Renata Klautau Malcher de Araujo. As comissões de defesa da dissertação e da tese recomendaram a publicação dos trabalhos.

Dentre as obras encontradas e lidas, pode-se elencar os clássicos de Johann Wolfgang von Goethe² (aqui concebido como marco cronológico inicial da pesquisa) sobre a representação e entendimento da natureza e seus fortes vínculos com a “mirada”³. A obra de Goethe celebriza a pintura de paisagem, material empírico que fundamenta muitas das análises propostas no projeto. A pintura de paisagem aparece como objeto dos discursos das trocas epistolares entre Goethe e o pintor Jacob Philipp Hackert. Nelas, Goethe exprime que a paisagem “real” e sua transmutação para a imagem pictórica evocam uma natureza apreendida pelo constante treino do sentido da visão. Nesse aspecto, Goethe promove uma certa cultura do olhar adquirida após suas experiências, ou melhor, seu “renascimento” em terras italianas⁴. Numa das cartas, Hackert escreve para seu amigo opinando que o artista deve ser, antes de tudo, um bom observador do mundo envolvente, dedicando tempo para desenhar e conhecer os seus objetos (com destaque para os orgânicos). Na realidade, não bastava pintar uma castanheira por exemplo, senão aprofundar a relação entre pintor e árvore para então transmitir, em cores e formas, a essência da natureza. Goethe, no transcurso de sua viagem à Itália, elogia a *veduta*, as vistas tomadas do território esboçadas no papel, cujo valor documental e afetivo subjaz a própria pintura de paisagem⁵. Como bem lembrado por Pedro Fernandes Galé, nos textos compilados em *A viagem à Itália arte e natureza* são afins e se complementam, embasando o desígnio classicista de Goethe voltado ao estudo das ciências naturais e das artes sob o imperativo da sensibilidade do olhar⁶.

² Por exemplo: GOETHE, Johann Wolfgang von. *Viagem à Itália: 1786-1788*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. GOETHE, Johann Wolfgang von. *A metamorfose das plantas*. 4 ed. São Paulo: Antroposófica, 2005. GOETHE, J. W. *Escritos sobre a Arte*. Tradução de Marco Aurélio Werle. São Paulo: Humanitas; Imprensa Oficial, 2005. GOETHE, J. W. *Doutrina das cores*. 4 ed. São Paulo: Nova Alexandria, 2013; GOETHE, Johann Wolfgang von. *As afinidades eletivas*. São Paulo: Peguin; Companhia das Letras, 2014.

Para um estudo aprofundado do pensamento goetheano ver: SIMMEL, Georg. *Goethe*. Buenos Aires: Editorial Nova, 1949. No que se refere à estetização da obra de arte em Goethe e entendimento do que seria o Romantismo alemão ver: AZEVEDO, Ricardo Marques. De Werther a Johannes: a estetização da vida. *Revista Pós*, v. 15, n. 24, São Paulo, dezembro 2008, p. 98-107.

³ Em *As afinidades eletivas* Goethe exprime a sensibilidade do olhar do jardineiro: “Ele vagava pelo velho e grande jardim do castelo; admirava as alamedas de altas tílias e a ordenação geométrica dos canteiros, que remontavam aos tempos do pai de Eduard”. Ver GOETHE, J.W. *As afinidades eletivas...Opus cit.*, p. 225.

⁴ HACKERT, Jacob Philipp; GOETHE, Johann Wolfgang von. *Lettere sulla pittura di paesaggio*. A cura di Paolo Chiarini. Roma: Artemide, 2002.

⁵ BESSE, Jean-Marc. *Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

⁶ GALÉ, Pedro Fernandes. *Em torno do olhar – a formação do método morfológico de Goethe*. Dissertação (mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009. p. 11.

Rudolf Steiner afirma que, arte aparece no pensamento de Goethe como a expressão daquilo que a ciência confere sob a forma de conceito ou ideia. Em STEINER, Rudolf. *Arte e estética segundo Goethe: Goethe como fundador de uma estética nova*. São Paulo: Antroposófica: Centro de Artes de São Paulo, 1994.

A conjugação entre arte e ciência na compreensão da paisagem se tornou a base da realização do conhecimento divulgado por Alexander von Humboldt⁷ (1769-1859), que tinha estreito contato social com Goethe e suas reflexões sobre o mundo natural⁸. O naturalista prussiano, que viajou pela América espanhola depois da autorização obtida do rei Carlos IV, não se esquivou em educar sua mirada em direção à natureza exótica americana. Humboldt esteve sintonizado, dessa forma, com o pensamento empírico goetheano, particularmente no que diz respeito à interpretação morfológica ou “fisionômica” de uma parcela da natureza⁹. A afinidade entre a localização geográfica, o clima, a altitude e a topografia propiciam a reunião de distintas espécies de seres vivos que se enquadram em distintas “fisionomias”¹⁰ – os quadros da natureza. A pintura de paisagem ou a descrição poética do mundo abarcado pelo olhar se aproximam, conforme as reflexões humboldtianas, da ideia de fisionomia, sendo esta a representação sintética e sensível da natureza conferidas pelo artista, uma natureza diversa, que ao ser apreciada, transforma a variedade num quadro harmônico. Nesse sentido, empiria e arte, quando relacionadas de maneira intrínseca à fisionomia, imprimem emoção à natureza facilmente retratadas em imagem ou literatura: “outras impressões, melhor definidas, que proporcionam um gozo mais vivo e agradável a alguns estados da mente, dependem mais do caráter peculiar e da fisionomia da cena contemplada e da região particular a que pertencem”¹¹.

Adepto da *Naturphilosophie*¹², Humboldt se alinhou à filosofia kantiana quando veiculou a apreensão sensível da natureza a um sistema que possibilitasse a descrição dos fenômenos

⁷ HUMBOLDT, Alexander von; BONPLAND, Aimé. Essay on the Geography of plants with a physical tableau of the equinocial regions. In JACKSON, Stephen T (ed.). *Essay on the Geography of plants: Alexander von Humboldt and Aimé Bonpland*. Chicago: The Chicago University Press, 1992; HUMBOLDT, Alexander von. *Cuadros de la naturaleza*. Madrid: Imprenta y Librería de Gaspar, 1876. HUMBOLDT, Alexander von. *Cosmos. Sketh of a physical description of the Universe*. Volume 2. London: Longman, Brown, Green, and Longmans, 1846.

⁸ Mundo natural compreendido como simples oposição ao mundo das operações humanas. A admiração de Goethe pelo trabalho de Humboldt aparece em *As afinidades eletivas*: “Digno de respeito tão somente o naturalista, que é capaz de descrever e representar o objeto mais estranho e insólito em seu sítio original, em seu verdadeiro elemento, juntamente com aquilo que o cerca. Como eu gostaria de, ao menos uma vez, ouvir Humboldt narrar suas experiências!”. Em GOETHE, J.W. *As afinidades eletivas...Opus cit.*, p. 224.

⁹ Em *Cosmos*, Humboldt relembra que Goethe estimulou seus pares a solucionar os profundos mistérios do universo por conectar filosofia, física e poesia. Ver BOWEN, Margarita. *Empiricism and geographical thought: from Francis Bacon to Alexander von Humboldt*. London and New York: Cambridge University Press, 1981. p. 217. Ademais, como recorda Georg Simmel a respeito do pensamento de Goethe sobre a unidade (fisionomia) e suas afinidades com a totalidade (natureza): “a unidade não tem, por assim dizer, nenhuma função se não ser a condição de que haja um plural unificado precisamente por ela, enquanto que na natureza o uno está simplesmente junto a outro, de sorte que nesse caso a existência é plural, embora logo todo fragmento possa passar como uno”. Em SIMMEL, Georg. *Goethe...Opus cit.*, p. 75.

¹⁰ PICCOLI, Valéria. Do campo ao ateliê. In BROWNLEE, Peter John et al. *Paisagem nas Américas: pinturas da Terra do Fogo ao Ártico*. New Heaven and London: Yale University Press, 2015. p. 49.

¹¹ HUMBOLDT, Alexander von. *Cosmos. Sketh of a physical description of the Universe...Opus cit.*, p. 7.

¹² Os estudiosos integrantes do *Naturphilosophie* favoreciam as ideias neo-platônicas de que o universo é regido por forças polares. Seguiam as ideias de Leibniz, Espinosa e Kant, opondo-se, assim, a ciência mecânica e materialista. Inversalmente, eles percebiam a necessidade de compreender a unidade e a harmonia da Natureza

naturais como eles realmente ocorrem e coexistem, numa intensa vinculação relacional entre o particular com a superfície da Terra¹³. O autor de *Cosmos* se distanciou da classificação racional dos objetos orgânicos proposta pelo naturalista sueco Carl Lineu, cuja botânica esteve atinente às especificidades da planta em vez de sua relação com o todo natural. Aproximou-se, por seu turno, dos trabalhos do naturalista francês Georges Louis Leclerc, conde de Buffon. Para Buffon, o sistema botânico de Lineu apresentava falhas conceituais, interpretando a natureza segundo categorias abstratas e estanques em vez de divulgar uma história da natureza consolidada em relações que se transformavam no tempo e no espaço¹⁴. Dessa maneira, a natureza seria portadora de uma narrativa dinâmica efetivada no *topos* em sucessão cronológica¹⁵. Ainda para Humboldt, o inquérito científico deveria se combinar com a pintura de paisagem (fisionomia da natureza). Isso situa seus trabalhos não somente no espectro da ciência, mas também no discurso estético, desejando reconhecer a natureza segundo as poéticas figurativas e literárias¹⁶. Outrossim, admite-se que no final do século XVIII o conceito de paisagem ganhou, por meio do romantismo alemão, uma certa interioridade e uma expansão para temas filosóficos e metafísicos. A paisagem, além de sua objetividade inerente de quadro da natureza, tornou-se o espelho do espírito humano com intenções ligadas às experiências de nossa existência.

As ideias Goethe, Hackert e Humboldt encontram-se, direta ou indiretamente, inseridas nos relatos de viagem dos naturalistas estrangeiros¹⁷ que percorreram o Brasil no século XIX - ponto final da temporalidade contemplada pelo projeto. É provável, como sugere Cláudia Valadão Mattos, que o modelo de pintura de paisagem criado por Hackert e assimilado por Humboldt tenha interferido no método de captação sensível da natureza brasileira pelos naturalistas estrangeiros¹⁸. Além disso, são sintomáticas nos textos e nas imagens representativas das paisagens brasileiras e narradas por um Spix, um Carl von Martius, um

entre os fenômenos que lhes são imanentes. Ver BOWEN, Margarita. *Empiricism and geographical thought...Opus cit.*, p. 216.

¹³ NICOLSON, Malcolm. Alexander von Humboldt, humboldtian science and the origins of the study of vegetation. *History of science*, xxv, May 1987, p. 170.

¹⁴ SLOAN, Phillip R. Kant on the history of nature: the ambiguous heritage of the critical philosophy for natural history. *Stud. Hist. Phil. Biol & Sci.* n. 37 (2006), p. 632.

¹⁵ VITTE, Antonio Carlos. A *Physische Geographie* de Immanuel Kant: descrição e história da natureza. *Confins* (Revista franco-brasileira de geografia), São Paulo, v. 22, n. 22, p. 9.

¹⁶ MATTOS, Cláudia Valadão. A pintura de paisagem entre a arte e a ciência: Goethe, Hackert, Humboldt. *Terceira imagem*: Revista do Programa de Pós-graduação em Ciência da Literatura, Rio de Janeiro, ano VIII, v. 10, 2004, p. 153.

¹⁷ Destaco SPIX, Johann Baptist von. *Viagem pelo Brasil*: 1817-1820. 3 volumes. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1981; WIED, Maximiliano, Prinz von. *Viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1989.

¹⁸ MATTOS, Cláudia Valadão. A pintura de paisagem entre a arte e a ciência...*Opus cit.*, p. 163.

Thomas Ender, Johann Moritz Rugendas ou o pelo príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied as noções de “fisionomia” e “educação do olhar”, assim como a percepção poética do mundo que se descortinava complexo e heterogêneo, pitoresco ou sublime a cada trajeto palmilhado. Spix e Martius, por exemplo, maravilharam-se com a conversão anímica dos sertões áridos da Bahia ocorrida no crepúsculo. Dotaram-nos com emoções e cores à semelhança de belezas pictóricas antes percebidas nas terras litorâneas ou nos arredores das vilas de Minas Gerais:

“Apareceu a lua no firmamento violáceo-escuro, iluminando, com claridade extraordinária, a Serra de Vila Velha¹⁹; eu podia facilmente distinguir os audazes contornos dos píncaros e os diferentes grupos de árvores que, todos floridos, nesse vale, espargiam aromas deliciosos. Essa repentina passagem de uma região deserta, ressecada, para uma alegre paisagem primaveril, atuou com estímulo tanto mais forte sobre o nosso espírito, porque, segundo as experiências colhidas até agora e as informações dos sertanejos, até à Bahia²⁰ não deveríamos contar com vestígio algum de renascimento da natureza. Esse reflorir, como por encanto da natureza, apenas uma consequência da chuva local, talvez determinada pela conformação das montanhas”²¹.

Aqueles sertões secos, fragilizados pela estiagem e falta d’água, renasciam da letargia quando tocados pelas benesses caídas do céu, como a ninfa Hamadriades, que após as chuvas enviadas por Zeus, saía do período de depressão dando lugar a momentos festivos e de regozijo temporários. O espetáculo do céu aprisionado pelo olhar estrangeiro remete, por aproximação, ao estudo das cores proposto por Goethe²². Há, no mínimo, duas reflexões possíveis sobre o fenômeno cromático captado pela visão. Primeiro, a cor aparece como manifestação objetiva, o resultado de interações de forças físicas (luz e óptica) com as peculiaridades da natureza onde as interações ocorrem. Segundo, a cor transporta o observador a experiências metafísicas, exteriorizadas na demonstração de emoções positivas ou negativas. Como considerado por Galé, o projeto morfológico de Goethe resultou de elementos tomados da obra de Immanuel Kant, cuja apropriação desencadeou a formação do escrutínio morfológico, ou melhor, a empiria não deve excluir nenhuma faculdade do espírito²³. A passagem acima ainda se relaciona à noção de “alma da paisagem” do filósofo francês Frédéric Paulhan, que seria um “conjunto

¹⁹ Na atual Chapada da Diamantina.

²⁰ Tratava-se da Cidade da Bahia, atual Salvador, e não da província homônima.

²¹ SPIX, Johann Baptist von. *Viagem pelo Brasil: 1817-1820*. Vol 2. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1981. p. 124.

²² GOETHE, J. W. *Doutrina das cores*. 4 ed. São Paulo: Nova Alexandria, 2013.

²³ GALÉ, Pedro Fernandes. *Em torno do olhar...Opus cit.*, p. 84 e 91.

de caracteres gerais, de fenômenos, de funções que variam de uma paisagem para outra, mas que exprimem ou constituem a vida das coisas, a sua natureza, a sua destinação”²⁴.

Entre Goethe e os viajantes naturalistas, ou entre a segunda metade do século XVIII e as duas primeiras décadas do Oitocentos, um grupo de luso-brasileiros cursaram Matemática, Medicina, Direito e Ciências Naturais na Universidade de Coimbra ou em Montpellier na França. Dentre alguns deles, destacaram-se Manuel Arruda da Câmara, Alexandre Rodrigues Ferreira, José Mariano da Conceição Veloso e José Bonifácio de Andrada e Silva. No Velho Mundo, esses homens entraram em contato com os estudos científicos de Lineu, Lavoisier e Domingos Vandelli, sendo irrefutável a influência da ciência que se produzia no século das Luzes em suas cartas, anotações e trabalhos. Como a paisagem foi representada na narrativa dos ilustrados luso-brasileiros, isto é, qual a hermenêutica da paisagem conferida nesses textos? Uma leitura acurada da documentação revela a não-existência de paisagem, pelo menos no sentido estético, âmbito aqui valorizado e perscrutado. Observa-se a grande ocorrência de determinados vocábulos – “país”, “distrito”, “termo”, “circunscrição” – relacionados à noção de “território” com objetivos claramente utilitaristas e econômicos. Há descrição de lugares, povoações e territórios enfatizando os seus atributos ecológicos e geográficos, diversidades que excluem o interesse pelas particularidades sensíveis da paisagem²⁵. Curiosamente, na *Viagem Philosophica* (1783-1793), chefiada por Alexandre Rodrigues Ferreira, os “prospectos” desenhados por José Joaquim Freire, que representam certas povoações visitadas, os costumes dos habitantes e algumas arquiteturas, foram produzidos com a finalidade de conhecer e explorar as potencialidades econômicas da América portuguesa. Desde esse ponto de vista, e como uma das hipóteses do projeto, esses desenhos não se originaram para a contemplação estética da natureza em razão dos seus aspectos utilitaristas, fluindo contra a noção de fisionomia humboldtiana²⁶.

²⁴ PAULHAN, Frédéric. A estética da paisagem. In SERRÃO, Adriana Veríssimo (coord.). *Filosofia da paisagem: uma antologia*. 2 ed. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2013. p. 74.

No original encontramos: “un esemble de caractère généraux, de phénomènes, de fonctions qui varient d’un paysage à l’autre, mais qui expriment ou constituent la vie des choses, leur nature et leur destinée”. PAULHAN, Frédéric. *L’Esthétique du paysage*. Paris: Librairie Félix Alcan, 1913. p. 78.

²⁵ CAUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 52. A filósofa Anne Cauquelin esclarece que entre os gregos da antiguidade não havia uma palavra nem coisa semelhante que expressasse a noção estética de paisagem.

²⁶ A Coroa portuguesa emitiu cartas régias a todas as vilas e cidades coloniais impedindo a entrada de Humboldt em seus domínios americanos, tratando-o como perigoso e dotado de ideias prejudiciais. Nas vereações da câmara da vila do Icó (capitania do Ceará) encontramos a seguinte ordem: “registro de uma ordem régia a todas as povoações com data de 20 de outubro de 1800 por intermedio do governador, com especial empenho a fim de ser preso um tal barão de Humboldt, subdito da Prussia, que á pretexto de estudar a geographia e topographia do centro da America, e debaixo do especioso pretexto de outras observações científicas, procura surpreender e tentar, com ideias novas e capciosos principios, os animos dos povos seus fieis vassallos. Declara S. M. que estas viajens nos domínios de S. M. são summamente perigosas e prejudiciais aos interesses políticos de S. M., e o governador

Por outro lado, a apreensão da paisagem no Brasil modifica com a divulgação das ideias dos naturalistas estrangeiros, estes, como vimos, estavam afinados com os conceitos de paisagem propostos por Humboldt, que por sua vez sintonizavam-se com a filosofia kantiana e com o método empírico de Johann Wolfgang von Goethe, a “heurística viva” muito bem elucidada por Galé²⁷. Assim, o entendimento de “território” notoriamente evocado no discurso dos luso-brasileiros se opõe à noção estética de paisagem celebrada por Goethe, Humboldt e pelos naturalistas estrangeiros. A presença de germânicos, ingleses e franceses nos circuitos intelectuais do Brasil trouxe a visão estética da paisagem, poética e contemplativa. E a pintura de paisagem serviu para reunificar, através da estética, a ciência e a visualização sensível da natureza²⁸.

A partir dessas leituras e dos elos possíveis entre o pensamento de Goethe, Humboldt e dos viajantes estrangeiros, bem como o estudo dos discursos das “Memórias” escritas pelos luso-brasileiros, resultou esta proposta de pesquisa de pós-doutorado concentrada nas reflexões sobre a paisagem, com foco na brasileira, e suas manifestações sensíveis na pintura e na literatura. Quanto à pintura, serão abordadas as noções de pitoresco e sublime, temas já mastigados pela História da Arte, porém com chave interpretativa simplificada à técnica de produção, sem auferir com profundidade sua concatenação com a filosofia do Iluminismo ou ao Classicismo alemão. Com efeito, graças à Filosofia é aceitável pensar sobre uma hermenêutica da paisagem circunscrita dentro de um conjunto de obras atuais assentadas em seus fundamentos estéticos²⁹.

encarecendo sobre a opinião do seu monarca, oferece um premio de 200\$ rs. a quem trazer preso este homem perigoso”. Ver *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, tomo XXV, Rio de Janeiro, 1862, p. 75.

²⁷ GALÉ, Pedro Fernandes. *Em torno do olhar...Opus cit.*, p. 69-90.

²⁸ MIGLIACCIO, Luciano. A paisagem clássica como alegoria do poder do soberano: Hackert na corte de Nápoles e as origens da pintura de paisagem no Brasil. In MATTOS, Cláudia Valadão de (org.). *Goethe e Hackert: sobre a pintura de paisagem*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008. p. 118.

²⁹ WALLS, Laura Dassaw. *The passage to Cosmos: Alexander von Humboldt and the shaping of America*. Chicago and London: Chicago University Press, 1992. MARIN, Louis. *Sublime Poussin*. São Paulo: Edusp, 2000. CASEY, Edward S. *Representing places: landscape painting and maps*. Minneapolis: The University of Minnesota Press, 2002. CASEY, Edward S. *Earth-Mapping: artists reshaping landscape*. Minneapolis and London: The University of Minnesota Press, 2005. RICCOTA, Lúcia. *Natureza, Ciência e Estética em Alexander von Humboldt*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. MADERUELO, Javier. *El paisaje: génesis de un concepto*. Madrid: Abada Editores, 2005. SALABERT, Perre; PARRET, Herman; CHÂTEAU, Dominique (dir.). *Estética plural de la naturaleza*. Barcelona: Laertes, 2006. BESSE, Jean-Marc. *Ver a Terra: seis ensaios sobre paisagem e a geografia*. São Paulo: Perspectiva, 2006. NOGUÉ, Joan (ed.). *El paisaje en la cultura contemporánea*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2008. VITTE, Antonio Carlos. Natureza em Alexander vo Humboldt. *Mercator*, Fortaleza, vol. 9, n. 20, 2010, set./dez., p. 179-195. VITTE, Antonio Carlos. Kant, Goethe e Alexander von Humboldt: estética e paisagem na gênese da Geografia Física Moderna. *ACTA Geográfica*, Boa Vista, v.4, n.8, p. 7-14, jul./dez., 2010. SERRÃO, Adriana Veríssimo (coord.). *Filosofia da paisagem*. Uma antologia. 2 ed. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2013. BERQUE, Augustin. *Thinking through landscape*. New York: Routledge, 2013.

Mas o que seria a paisagem? E como a bibliografia referida compreende a estética da paisagem?

A paisagem tem sido foco de investigação de diferentes campos do saber, decorrendo, a partir disso, significados complementares ou simplesmente díspares. A abordagem usual das Ciências que a consideram objetivamente leva em conta a ação humana sobre o mundo (*práxis*) o seu motivo gerador. Na Geografia Humana, a paisagem é definida como a materialização de relações estabelecidas entre o homem e a natureza, seria a transformação da Terra pela cultura de um grupo social³⁰. Essa definição de cariz positivista ecoa na Arqueologia conforme as reflexões de Marisa Lazzari, as quais versam a paisagem como uma coleção de fatores humanos e não humanos (cultura material) postos no espaço³¹. A Arquitetura e o Urbanismo harmonizam-se com tais leituras de chave marxista, atribuindo-lhe a noção de objeto, o produto resultante de ações interativas entre a sociedade e o meio natural, configurando marcas tangíveis e reconhecíveis em seu aspecto físico³².

Convém lembrar, por um lado, que o presente projeto não busca avaliar de forma comparada as noções de paisagem conferidas pelas disciplinas mencionadas, sobretudo porque este tipo de exercício empobreceria a metodologia e os resultados esperados por uma pesquisa dessa envergadura. No entanto, esses enunciados de certa maneira ofuscam interpretações mais sensíveis pelas quais a ideia de paisagem também é subjacente. Mediante à paisagem se pode pensar e explicar experiências que implicam o autodescobrimento do homem e a inevitável relação entre natureza, cultura e ciência. Em decorrência disso, a Filosofia, em especial a Estética, presta-se em aprofundar as definições sugeridas pelas Ciências Humanas, instaurando, em torno de seu discurso, elementos subjetivos, afetivos e valorativos. De acordo com Jörg Zimmer, a contemplação estética da paisagem é um acontecimento que se desenvolve nos séculos XVII e XVIII paralelamente à investigação experimental da ciência, cronologias estas que converteram a paisagem em representação pictórica da percepção da natureza ou como ideal estético de contemplação desinteressada³³.

Os estudos sobre a paisagem como categoria do pensamento intensificaram a partir do início do século XX, por meio dos ensaios inaugurais do filósofo Georg Simmel. Em seu texto

³⁰ SAUER, Carl. The Morphology of Landscape. In AGNEW, J. et. all. *Human Geography: an essential anthology*. Oxford: Blackwell, 1996.

³¹ LAZZARI, Marisa. Landscape of circulation in Northwest Argentina: working of obsidian and ceramics during the first millenium. AGBE-DAVIES, Anna; BAUER, Alexander A. (ed). *Social archeology of trade and exchange: exploring relations among people, places, and things*. Walnut Creek: Left Coast Press, 2010. p. 54.

³² LINS, Ana Cristina Bandeira. A paisagem ameaçada. In CERAU, Sandra et. al. (Coord.). *Olhar multidisciplinar sobre a efetividade de proteção do patrimônio cultural*. Belo Horizonte: Fórum, 2011. p. 270.

³³ ZIMMER, Jörg. La dimensión ética de la estética del paisaje. In NOGUÉ, Joan (ed.). *El paisaje en la cultura contemporánea*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2008. p. 29.

clássico – *Filosofia da Paisagem* (1913) – Simmel desloca a paisagem da natureza, compreendendo-a como porção de uma totalidade natural. A paisagem não seria a natureza; porém, por ser a natureza parte de seu conteúdo, ela seria ainda e sempre natural³⁴. Como afirma Adriana Veríssimo Serrão, o pensamento simmeliano atribui à paisagem “um processo que na base de elementos previamente separados (paisagem como fração da natureza) recompõe momentaneamente o caráter unitário e homogêneo de um todo”³⁵. Contemporâneo ao artigo de Simmel foi o opúsculo do filósofo francês Frédéric Paulhan – *L’Esthétique du Paysage*³⁶ – também publicado em 1913. Paulhan, menos preocupado com a dialética entre o todo e suas partes, relaciona a paisagem como uma pintura da natureza. Ela inspiraria os artistas a transmitir para tela os sentimentos consubstanciados em sua “alma”, ou seja, paisagem seria uma espécie de emoção codificada em arte. Melancolia, alegria, amor, medo e morte são algumas das alegorias imanentes à paisagem facilmente representadas em poesia ou pintura³⁷.

Por sua vez, Joachim Ritter se dedicou em aprofundar a abordagem da íntima relação entre Paisagem e Filosofia. Em *Paisagem: sobre a função do estético na sociedade moderna*³⁸, o autor conjuga a contemplação estética da natureza segundo à sensibilidade de um observador. A subida de Petrarca ao monte Ventoux significou, para Ritter, a analogia da ascensão do espírito perante um mundo objetivado pela mirada. Diante disso, “as determinações colhidas por Petrarca da tradição da *theoria* filosófica permanecem constitutivas da relação estética para com a natureza enquanto paisagem...a natureza enquanto paisagem é o fruto e o produto do espírito teórico”³⁹.

Outro estudo luminoso é o artigo de Rosario Assunto: *Paisagem – Ambiente – Território: uma tentativa de clarificação conceitual*⁴⁰. Aqui, Assunto põe luz no significado dos vocábulos que intitulam o texto atribuindo-lhes conceitos que ultrapassam a visão política, numa tentativa de solucionar a confusão semântica presente nos três termos. “Território” abrigaria aspectos da geografia física de um lugar ou região (rios, montanhas, vales, campinas), mas configurados de

³⁴ SIMMEL, Georg. *Filosofia da Paisagem*. In SERRÃO, Adriana Veríssimo (coord.). *Filosofia da paisagem*. Uma antologia. 2 ed. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2013. p. 43.

³⁵ SERRÃO, Adriana Veríssimo (coord.). *Filosofia da paisagem...Opus cit.*, p. 39.

³⁶ PAULHAN, Frédéric. *L’Esthétique du paysage*. Paris: Librairie Félix Alcan, 1913.

³⁷ Ver especialmente o terceiro capítulo da obra – *L’âme des paysages*. PAULHAN, Frédéric. *L’Esthétique du paysage...Opus cit.*, p. 71-121.

³⁸ RITTER, Joachim. *Paisagem: sobre a função do estético na sociedade moderna*. In SERRÃO, Adriana Veríssimo (coord.). *Filosofia da paisagem*. Uma antologia. 2 ed. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2013. p. 95-122.

³⁹ RITTER, Joachim. *Paisagem: sobre a função do estético na sociedade moderna*. In SERRÃO, Adriana Veríssimo (coord.). *Filosofia da paisagem...Opus cit.*, p. 100.

⁴⁰ ASSUNTO, Rosario. *Paisagem – Ambiente – Território: uma tentativa de clarificação conceptual*. In SERRÃO, Adriana Veríssimo (coord.). *Filosofia da paisagem*. Uma antologia. 2 ed. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2013. p. 126-129.

acordo com precisas delimitações administrativas⁴¹. Essa noção de território se aproxima da categoria explorada nas “Memórias” e outros documentos escritos pelos ilustrados luso-brasileiros. Por sua vez, “ambiente” teria dois significados particulares: um biológico, traduzido nas condições físicas e naturais que proporcionam a propagação da vida; e outro histórico-cultural consoante à transformação da Terra pela humanidade na sucessão cronológica⁴². Em outras palavras, território seria a materialidade que favorece a formulação de distintos ambientes. A “paisagem” não é o somatório dessas partes, senão uma unidade sintética *a priori* que condiciona o seu apresentar nas outras instâncias⁴³.

Percebe-se que além da imagem formulada pelo enquadramento óptico, ou educação do olhar no sentido goetheano, a paisagem comporta uma componente subjetiva. Nessa direção, Javier Maderuelo, na esteira do pensamento do filósofo francês Augustin Berque, vincula a noção de paisagem não ao simples *topos*, senão à conjugação de sensações, ideias e sentimentos que elaboramos a partir do lugar e seus elementos constitutivos. Ele acrescenta que o significado de paisagem reclama por uma interpretação que notabilize o espírito e sua contemplação estética⁴⁴. Então, a paisagem emerge a partir de uma mirada estetizada em relação ao mundo, capaz de separar-se de sua imediatez e apreciá-lo à distância⁴⁵. Não pretendemos aqui esgotar essas questões. Por ora, essas são as concepções adotadas por esta pesquisa, capaz de serem alteradas em virtude de novas leituras ou reflexões tomadas nas reuniões com o supervisor.

Poderíamos listar outros relevantes estudos, como os de Nicolas Grimaldi (1982)⁴⁶, Arnold Berleant (1993; 2010)⁴⁷, Augustin Berque (1994)⁴⁸, Alain Roger (1997)⁴⁹, Malcolm Budd (2002)⁵⁰, Herman Parret (2006)⁵¹, David E. Cooper⁵², Anne Cauquelin (2007)⁵³, Massimo

⁴¹ ASSUNTO, Rosario. Paisagem – Ambiente – Território...*Opus cit.*, p. 126.

⁴² ASSUNTO, Rosario. Paisagem – Ambiente – Território...*Opus cit.*, p. 127.

⁴³ ASSUNTO, Rosario. Paisagem – Ambiente – Território...*Opus cit.*, p. 128.

⁴⁴ MADERUELO, Javier. *El paisaje: génesis de un concepto*. Madrid: Abada Editores, 2005. p. 38.

⁴⁵ PALLAMIN, Vera. Fenomenologia, paisagem e arte contemporânea. *Paralaxe*, v. 3, n. 2, 2015, p. 45.

⁴⁶ GRIMALDI, Nicolas. L'esthétique de la belle nature. Problèmes d'une esthétique du paysage. In DAGOGNET, François (dir.). *Mort du paysage? Philosophie et esthétique du paysage*. Seyssel: Champ Vallon, 1982. p. 113-131.

⁴⁷ BERLEANT, Arnold. The aesthetics of art and nature. In KEMAL, Salim; GASKELL, Ivan (eds.). *Landscape, natural beauty and the arts*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. BERLEANT, Arnold. *Sensibility and sense: the aesthetic transformation of the human world*. Exeter: Imprint - academic, 2010.

⁴⁸ BERQUE, Augustin. *Cinq propositions pour une théorie du paysage*. Seyssel: Champ Vallon, 1994.

⁴⁹ ROGER, Alain. *Court traité du paysage*. Paris: Éditions Gallimard, 1997.

⁵⁰ BUDD, Malcolm. *The aesthetic appreciation of nature*. Oxford: Oxford University Press, 2002. BUDD, Malcolm. *Aesthetic essays*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

⁵¹ PARRET, Herman. Naturaleza y arte: Alberti, Herder, Smithson. In SALABERT, Perre; PARRET, Herman; CHÂTEAU, Dominique (dir.). *Estética plural de la naturaleza*. Barcelona: Laertes, 2006. p. 93-104.

⁵² COOPER, David E. *A Philosophy of gardens*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

⁵³ CAUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Venturi Ferriolo (2008)⁵⁴, Jean-Marc Besse⁵⁵, entre tantos outros que se preocuparam em converter a paisagem num tema da Estética. Não obstante, com o objetivo de não exceder o número de páginas especificado pelas normas da FAPESP, preferimos indicá-los como leitura obrigatória das atividades futuras, garantindo sua adesão aos relatórios científicos e artigos decorrentes caso seja concedida a bolsa. Sem esquecer, é claro, de correlacionar esses textos com os estudos da estética da paisagem enunciados entre meados do século XVIII e início do XIX, objeto de análise do presente trabalho.

No que diz respeito à pintura de paisagem, a estética do sentimento da natureza favorece o surgimento do encanto do **pitoresco** ou a infinitude do **sublime**. O pitoresco nasce da contemplação dos jardins ingleses desenhados com caminhos irregulares. A cada curva passada, prazerosas vistas manifestavam-se ao olhar. Ferriolo assegura que o jardim, como metáfora da paisagem, se converte em quadro para oferecer ao espectador a perspectiva pictórica⁵⁶. No sentido kantiano, o pitoresco é o “agradável”, o “complacente, ocasionando deleite e alegria ao observador⁵⁷. Ao contrário do belo e aprazível pitoresco, o sublime exalta a imensidão e a magnitude do infinito, o temor e a ameaça do mundo natural. O objeto natural sublime que se encaminha aos nossos sentimentos desperta o entendimento oferecendo ao espírito um infinito em extensão – o “sublime matemático” de Kant – ou em força – “sublime dinâmico”, modalidades que a imaginação não pode retratar⁵⁸. A subjetividade é, para Kant, quem torna a paisagem em algo sublime; em outros termos, ela formula o movimento e a agitação da mente. Várias foram as ocasiões nas quais os viajantes estrangeiros se depararam com o sentimento do pitoresco ou sublime no Brasil oitocentista. Em Minas Gerais, por exemplo, a irregularidade morfológica das povoações visitadas e a localização das igrejas no cume de pequenos promontórios apraziam as vistas. Por outro lado, a vastidão dos sertões do Piauí ou a floresta amazônica provocavam sentimentos de medo e ameaça diante das assustadoras caatingas secas ou da imensidão verde. Este projeto não procura somente especificar quais obras eram pitorescas ou sublimes, análises próprias da História da Arte, senão refletir sobre essas representações ou manifestações da natureza à luz do pensamento estético dos séculos XVIII e XIX.

⁵⁴ FERRIOLO, Massimo Venturi. Arte, paisaje y jardín en la construcción del lugar. In NOGUÉ, Joan (ed.). *El paisaje en la cultura contemporánea*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2008. p. 132.

⁵⁵ BESSE, Jean-Marc. *O gosto do mundo: exercícios de paisagem*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

⁵⁶ FERRIOLO, Massimo Venturi. Arte, paisaje y jardín en la construcción del lugar...*Opus cit.*, p. 115-140.

⁵⁷ KANT, Immanuel. *Crítica da faculdade do juízo*. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 50.

⁵⁸ TALON-HUGON, Carole. De lo sublime a lo abyecto. In SALABERT, Perre; PARRET, Herman; CHÂTEAU, Dominique (dir.). *Estética plural de la naturaleza...Opus cit.*, p. 108.

A bibliografia evocada à narrativa desse trabalho é, em grande parte, estrangeira. Os textos publicados nacionalmente apresentam-se fragmentários, como se fossem tópicos coadjuvantes de pesquisas maiores. Isso revela, infelizmente, como os estudos da estética da paisagem no Brasil são (estão) embrionários. O desafio de nossa pesquisa consiste em posicionar a paisagem não apenas como problema da Arquitetura, da Geografia e da História, disciplinas que se interessam pela abordagem materialista da paisagem em detrimento da estética.

Entretanto, artigos escritos por pesquisadores brasileiros evidenciam a relevância do tema como assunto da Estética. Nesse aspecto, sobressaem os trabalhos de Marco Aurélio Werle, Antonio Carlos Vitte e Lúcia Ricotta. Werle, em artigo primoroso, realçou como o pensamento alemão do século XVIII ancorou certos temas de estética, tais como a noção de alma, criação artística e dialética entre forma e conteúdo⁵⁹. O Setecentos aparece como a cronologia que lapidou as ideias do gosto, mostrando-se centrais, por exemplo, nas obras de Winckelmann e Kant. Por seu turno, Vitte refletiu sobre a estética da paisagem na confluência do pensamento de Kant, Goethe e Humboldt. Segundo ele, a apreensão sensível do mundo será o fundamento unificador da formação da paisagem, cuja representação não seria estritamente de caráter analítico ou científico, mas intuída pelo espírito em juízos estéticos⁶⁰. Já Ricotta se especializou na interpretação da obra de Alexander von Humboldt. Para a autora, as obras-sínteses do naturalista prussiano – *Quadros da Natureza (Ansichten der Natur)* e *Cosmos* – constroem ao mesmo tempo o olhar científico e sensível para o fenômeno natural; miradas que transformam realidades físico-espaciais em fisionomias apreensíveis estética e empiricamente⁶¹. Descritos os objetos de pesquisa, a problemática do projeto e os desafios epistemológicos e empíricos a superar, vejamos quais os resultados almejados e como se pretende divulgar a estética da paisagem nos circuitos acadêmicos e populares do Brasil.

2. Objetivos

2.1 Objetivo geral: Procura-se compreender a noção de paisagem dentro do pensamento filosófico alemão entre meados do século XVIII e início do século XIX, buscando possíveis

⁵⁹ WERLE, Marco Aurélio. O mar e a alma: metáforas marinhas em território alemão. *Trans/Form/Ação*, São Paulo, v. 30, n. 1, 225-234, 2007. Ver também WERLE, Marco Aurélio. *A aparência sensível da ideia: estudos sobre a estética de Hegel e a época de Goethe*. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

⁶⁰ VITTE, Antonio Carlos. Kant, Goethe e Alexander von Humboldt: estética e paisagem na gênese da Geografia Física Moderna. *ACTA Geográfica*, Boa Vista, v.4, n.8, p. 11, jul./dez., 2010.

⁶¹ RICOTTA, Lúcia. *Natureza, ciência e estética em Alexander von Humboldt*. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003. p. 16.

afinidades conceituais (ou não) entre os escritos de Goethe, Humboldt, ilustrados luso-brasileiros e naturalistas estrangeiro que percorreram o Brasil reconfigurando a maneira de apreender a natureza local.

2.2 Objetivos específicos:

- i. Aprofundar o entendimento da relação entre arte e ciência nas obras de Goethe e Humboldt, percebendo afinidades ou desacordos conceituais;
- ii. Investigar como as reflexões de Goethe e Humboldt sobre natureza e suas representações influenciaram a literatura/pintura dos naturalistas estrangeiros.
- iii. Verificar as noções de gosto, belo, pitoresco e sublime de Kant e suas projeções nos escritos de Goethe, Humboldt e naturalistas;
- iv. Investir na análise interna das principais obras de Goethe (*Viagem à Itália, Escritos sobre a Arte, Metamorfose das plantas, Doutrina das cores*) e Humboldt (*Quadros da Natureza e Cosmos*) com vistas a clarificar a estética da paisagem que se afinava com a ciência e a arte.
- v. Interpretar os discursos das “Memórias” escritas pelos ilustrados luso-brasileiros no intuito de observar como a natureza foi representada, imaginada e pensada.

3. Resultados esperados e maneiras de divulgação

Da investigação realizada na bibliografia e na documentação primária impressa (relatos de viagem dos naturalistas e cartas trocadas entre Goethe e Hackert, por exemplo) esperam-se resultados essenciais em três campos. No âmbito **acadêmico** ou científico prevê-se a publicação em revistas especializadas, nacionais e internacionais, de um conjunto de artigos e da apresentação de comunicações ou pôsteres em seminários e congressos nacionais e internacionais. Com isso, objetiva-se posicionar o Brasil e o estado de São Paulo como parte de um grupo preocupado em disseminar a estética da paisagem, assunto, como antes relatado, bem estudado fora do país.

Como elemento de **comunicação social** dos resultados, imagina-se a realização de uma exposição de imagens (fac-símile ou originais da Fundação da Biblioteca Nacional) desenhadas pelos pintores que acompanharam as viagens lideradas pelos naturalistas, acompanhada de uma brochura/catálogo explicativo. Trata-se de uma exposição de cartazes em tiragem suficiente que possa ser exibida na instituição-sede onde se desenvolve a pesquisa ou em outro órgão estadual interessado. Ainda procura-se reunir pesquisadores do assunto num seminário, ou reunião aberta à comunidade universitária, que aborde os temas paisagem, estética, arte e

natureza no Iluminismo e Classicismo europeus e no Brasil da primeira metade do século XIX. Adiciona-se a tais eventos a criação de um **curso de extensão** regulamentado que atraia alunos de graduação e pós-graduação de diferentes universidades e de distintos campos do saber, tais como Filosofia, Arquitetura, Geografia, História e Letras. Estima-se um curso em cinco módulos (aulas) realizado durante cinco dias em horário acessível aos interessados. O aparecimento da Estética no século XVIII como disciplina da Filosofia será o tema do primeiro módulo. Na segunda aula, trataremos da noção de belo e sublime em Kant e sua aplicação à paisagem. Na quarta-feira, abordaremos a paisagem em Goethe, a pintura de Hackert e as cartas de Carl Gustav Carus sobre pintura de paisagem. Para essa etapa do curso, pensa-se em convidar um especialista da obra de Goethe para palestrar na primeira parte da aula. O quarto módulo visa a compreensão de paisagem, fisionomia e natureza na obra de Alexander von Humboldt e estudar a noção de “território” e “utilidade” presente nas “Memórias” de Manuel Arruda da Câmara, Alexandre Rodrigues Ferreira, José Mariano da Conceição Veloso e José Bonifácio de Andrada e Silva. Finalmente, a estética da paisagem nos relatos de viagem dos naturalistas estrangeiros será o assunto da última aula. A avaliação dos participantes será dada pela frequência às aulas e por meio de um curto ensaio, de no máximo 15 páginas, sobre uma imagem concatenada com os assuntos explorados no curso. Vale lembrar que, esses módulos podem ser modificados à medida que a pesquisa avançar, assim como convidados serão contatados para enriquecer a troca de conhecimento. O curso de extensão pretende motivar novas pesquisas de Iniciação Científica, mestrado e doutorados. Para além dos discentes, o ideal será ultrapassar as fronteiras da instituição-sede com vistas a reunir um grupo de pessoas empenhado em conhecer a paisagem interpretada sob o olhar da Estética.

Para a **divulgação**, memória e continuidade da investigação, busca-se a criação de uma base de dados documental e iconográfica, feita durante os dois anos de pesquisa, que poderá potencializar o surgimento de um núcleo de estudos voltado à estética da paisagem pensada e representada desde a segunda metade do século XVIII até meados do Oitocentos. Acima de tudo, e como uma espécie de sonho tangível, espera-se publicar, em forma de **livro**, os resultados desse projeto para amplo conhecimento da população brasileira.

4. Metodologia e plano de trabalho

O diálogo complementar entre arte (sensibilidade) e ciência (empíria) são as categorias evocadas para compreender a estética da paisagem, em particular a brasileira narrada e percebida pelos naturalistas depois da abertura dos portos (1808). Como se sabe, para os atores

centrais da pesquisa – Goethe, Humboldt e viajantes – alcançava-se a sensibilidade artística mediante o profundo conhecimento da Natureza e das leis que a regem. Logo, outro desafio metodológico que apresentamos, e comprometemo-nos em transpô-lo, refere-se a verificar empiricamente (leitura das obras e análise iconológica de certas pinturas de paisagem) como a reciprocidade da ciência e da arte obtiveram o seu ideal estético na apreensão da paisagem. Assim, amparamo-nos no método heurístico utilizado pelo filósofo francês Louis Marin, pelo qual se estabeleceu uma leitura entrecruzada entre literatura e pintura, ou mais precisamente, entre o legível e o visível, instaurando os níveis e campos de pertinência de um discurso⁶². Ao nosso ver, esse método não equivale à análise iconográfica empregada por Erwin Panofsky⁶³ relativa à História da Arte e atinente ao significado da obra no contexto histórico (social) ao qual estava imersa. Objetiva-se, portanto, a criação de um discurso filosófico da paisagem circunscrito na conjunção entre ciência e a arte.

A execução do projeto deve se apoiar, ainda, em aportes teórico-metodológicos relativos à pesquisa bibliográfica e documental. Por um lado, a seleção de um *corpus* bibliográfico referente aos escritos sobre Estética do século XVIII, à ciência do Iluminismo e Romantismo europeus e à pintura de paisagem. Por outro, o trabalho mobilizará dicionários do Setecentos, memórias, biografias, cartas, documentos oficiais da Coroa portuguesa (muitos deles já inventariados e transcritos durante as pesquisas de mestrado e doutorado), relatos de viagem, estudos sobre a apreciação estética da natureza e fontes iconográficas, tomando-os como importantes referências para o tratamento heurístico, cujos procedimentos serão organizados em quatro fases.

De partida, será realizado um levantamento de escritos e obras de Goethe, de Humboldt, dos ilustrados luso-brasileiros e dos naturalistas estrangeiros. Nessa altura, será montada uma base de dados arrolando as principais pinturas de paisagem do Brasil e suas ligações com as noções de pitoresco e sublime. Para tanto, essa base contará com os seguintes campos: Obra (em formato digital) – autor – ano de produção – paisagem representada – comissão (se na de Spix e Martius, Thomas Ender ou Manuel Arruda da Câmara) – sensibilidade pictórica (pitoresco ou sublime). O levantamento tem como objetivo prever quais pinturas entrarão no rol da exposição. As reuniões e orientações do supervisor serão operações fundamentais para o bom andamento dessa e das etapas posteriores do trabalho. Ainda nesse período, iniciaremos os processos de efetivação do curso de extensão junto à reitoria.

⁶² MARIN, Louis. *Sublime Poussin*. São Paulo: Edusp, 2000. p. 20.

⁶³ PANOFSKY, Erwin. *Estudios sobre iconologia*. Madrid: Alianza Editorial, 1996.

A segunda etapa consistirá em aprofundar o entendimento de paisagem nas obras localizadas na primeira fase, isto é, submeter o material colhido nas experiências da primeira parte à interpretação crítica. Ainda deverá ser dedicada à análise interna das obras, no seu aspecto formal, de conteúdo e suas interconexões com os textos de outros autores. O foco de interesse reside na reflexão sobre a estética da paisagem e sua articulação com a contemplação e representação da natureza presentes nos textos dos pensadores centrais desse projeto de pós-doutorado. Sem negligenciar o significativo papel que o percurso intelectual dos autores opera na produção de suas obras. Nessa etapa serão elaborados artigos científicos no intuito de publicá-los em periódicos nacionais e internacionais especializados no assunto, bem como a execução do curso de extensão proposto no item 3. O primeiro relatório científico será concluído nesse primeiro ciclo de atividades.

Na fase seguinte, deseja-se realizar estágio de pesquisa no exterior (BEPE). De antemão, pensa-se no Instituto *Klassik Stiftung Weimar*, localizado na cidade alemã de Weimar, centro de referência mundial sobre a vida e o pensamento de Goethe. Indica-se também a Universidade de Sorbonne (na França), a Universidade de Lisboa (a qual, em seu departamento de Filosofia, possui um grupo de estudos devotado à reflexão da paisagem como categoria do pensamento) e o Dumbarton Oaks Institute associado à Universidade de Harvard. Este instituto destaca-se mundialmente por receber pesquisadores interessados em ampliar seus conhecimentos no âmbito da paisagem, América pré-colombiana e arte bizantina. Sua biblioteca e seus arquivos guardam raridades literárias e iconográficas que presumimos serem de grande auxílio para nosso trabalho. A BEPE é considerada como uma maneira de divulgação dos resultados obtidos nas etapas anteriores, além de possibilitar o intercâmbio acadêmico entre o pesquisador e o supervisor da instituição-sede com os profissionais estrangeiros.

Finalmente, o último ciclo de atividades do pós-doutorado será devotado à exposição dos pôsteres sobre estética da paisagem e suas representações na arte e na ciência. Prevê-se a conclusão do manuscrito do livro, cuja redação iniciou já na primeira fase da pesquisa. O segundo relatório científico será objeto de trabalho da última fase.

5. Cronograma de atividades

ATIVIDADES	1º ANO		2º ANO	
	3 meses iniciais	9 meses finais	6 meses iniciais	6 meses finais
Levantamento bibliográfico				
Produção do bando de dados				
Inscrição do curso de extensão na pró-reitoria.				
Estudo das obras				
Redação de artigos científicos				
1º relatório científico				
Curso de extensão				
BEPE				
Exposição				
Conclusão do manuscrito do livro				
2º Relatório científico				

Bibliografia

ASSUNTO, Rosario. Paisagem – Ambiente – Território: uma tentativa de clarificação conceptual. In SERRÃO, Adriana Veríssimo (coord.). *Filosofia da paisagem*. Uma antologia. 2 ed. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2013.

- AZEVEDO, Ricardo Marques. De Werther a Johannes: a estetização da vida. *Revista Pós*, v. 15, n. 24, São Paulo, dezembro 2008, p. 98-107.
- BERLEANT, Arnold. The aesthetics of art and nature. In KEMAL, Salim; GASKELL, Ivan (eds.). *Landscape, natural beauty and the arts*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- BERLEANT, Arnold. *Sensibility and sense: the aesthetic transformation of the human world*. Exeter: Imprint - academic, 2010.
- BERQUE, Augustin. *Cinq propositions pour une théorie du paysage*. Seyssel: Champ Vallon, 1994.
- BERQUE, Augustin. *Thinking through landscape*. New York: Routledge, 2013.
- BESSE, Jean-Marc. *Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BESSE, Jean-Marc. *O gosto do mundo: exercícios de paisagem*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.
- BOWEN, Margarita. *Empiricism and geographical thought: from Francis Bacon to Alexander von Humboldt*. London and New York: Cambridge University Press, 1981.
- BUDD, Malcolm. *The aesthetic appreciation of nature*. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- BUDD, Malcolm. *Aesthetic essays*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- CASEY, Edward S. *Representing places: landscape painting and maps*. Minneapolis: The University of Minnesota Press, 2002.
- CAUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- COOPER, David E. *A Philosophy of gardens*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- FERRIOLO, Massimo Venturi. Arte, paisaje y jardín en la construcción del lugar. In NOGUÉ, Joan (ed.). *El paisaje en la cultura contemporánea*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2008.
- GALÉ, Pedro Fernandes. *Em torno do olhar – a formação do método morfológico de Goethe*. Dissertação (mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.
- GOETHE, Johann Wolfgang von. *Viagem à Itália: 1786-1788*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- GOETHE, Johann Wolfgang von. *A metamorfose das plantas*. 4 ed. São Paulo: Antroposófica, 2005.
- GOETHE, J. W. *Escritos sobre a Arte*. Tradução de Marco Aurélio Werle. São Paulo: Humanitas; Imprensa Oficial, 2005.
- GOETHE, J. W. *Doutrina das cores*. 4 ed. São Paulo: Nova Alexandria, 2013.
- GOETHE, Johann Wolfgang von. *As afinidades elevitas*. São Paulo: Peguin: Companhia das Letras, 2014.
- GRIMALDI, Nicolas. L'esthétique de la belle nature. Problèmes d'une esthétique du paysage. In DAGOGNET, François (dir.). *Mort du paysage? Philosophie et esthétique du paysage*. Seyssel: Champ Vallon, 1982.
- HACKERT, Jacob Philipp; GOETHE, Johann Wolfgang von. *Lettere sulla pittura di paesaggio*. A cura di Paolo Chiarini. Roma: Artemide, 2002.

- HUMBOLDT, Alexander von. *Cosmos. Sketh of a physical description of the Universe. Volume 2.* London: Longman, Brown, Green, and Longmans, 1846.
- HUMBOLDT, Alexander von. *Cuadros de la naturaleza.* Madrid: Imprenta y Libreria de Gaspar, 1876.
- HUMBOLDT, Alexander von; BONPLAND, Aimé. Essay on the Geography os plants with a physical tableau of the equinocial regions. In JACKSON, Stephen T (ed.). *Essay on the Geography of plants: Alexander von Humboldt and Aimé Bonpland.* Chicago: The Chicago University Press, 1992.
- KANT, Immanuel. *Crítica da faculdade do juízo.* 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- LAZZARI, Marisa. Landscape of circulation in Northwest Argentina: working of absidian and ceramics during the first millenium. AGBE-DAVIES, Anna; BAUER, Alexander A. (ed). *Social archeology of trade and exchange: exploring relations among people, places, and things.* Walnut Creek: Left Coast Press, 2010.
- LINS, Ana Cristina Bandeira. A paisagem ameaçada. In CERAU, Sandra et. al. (Coord.). *Olhar multidisciplinar sobre a efetividade de proteção do patrimônio cultural.* Belo Horizonte: Fórum, 2011.
- MADERUELO, Javier. *El paisaje: génesis de un concepto.* Madrid: Abada Editores, 2005.
- MARIN, Louis. *Sublime Poussin.* São Paulo: Edusp, 2000.
- MATTOS, Cláudia Valadão. A pintura de paisagem entre a arte e a ciência: Goethe, Hackert, Humboldt. *Terceira imagem: Revista do Programa de Pós-graduação em Ciência da Literatura,* Rio de Janeiro, ano VIII, v. 10, 2004.
- MIGLIACCIO, Luciano. A paisagem clássica como alegoria do poder do soberano: Hackert na corte de Nápoles e as origens da pintura de paisagem no Brasil. In MATTOS, Cláudia Valadão de (org.). *Goethe e Hackert: sobre a pintura de paisagem.* Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008.
- NICOLSON, Malcolm. Alexander von Humboldt, humboldtian science and the origins of the study of vegetation. *History of science,* xxv, May 1987.
- NOGUÉ, Joan (ed.). *El paisaje en la cultura contemporánea.* Madrid: Biblioteca Nueva, 2008.
- PALLAMIN, Vera. Fenomenologia, paisagem e arte contemporânea. *Paralaxe,* v. 3, n. 2, 2015.
- PANOFSKY, Erwin. *Estudios sobre iconologia.* Madrid: Alianza Editorial, 1996.
- PARRET, Herman. Naturaleza y arte: Alberti, Herder, Smithson. In SALABERT, Perre; PARRET, Herman; CHÂTEAU, Dominique (dir.). *Estética plural de la naturaleza.* Barcelona: Laertes, 2006.
- PAULHAN, Frédéric. *L'Esthétique du paysage.* Paris: Librairie Félix Alcan, 1913.
- PICCOLI, Valéria. Do campo ao ateliê. In BROWNLEE, Peter John et al. *Paisagem nas Américas: pinturas da Terra do Fogo ao Ártico.* New Heaven and London: Yale University Press, 2015.
- RICCOTA, Lúcia. *Natureza, Ciência e Estética em Alexander von Humboldt.* Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- RITTER, Joachim. Paisagem: sobre a função do estético na sociedade moderna. In SERRÃO, Adriana Verissimo (coord.). *Filosofia da paisagem. Uma antologia.* 2 ed. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2013.

- ROGER, Alain. *Court traité du paysage*. Paris: Éditions Gallimard, 1997.
- SALABERT, Perre; PARRET, Herman; CHÂTEAU, Dominique (dir.). *Estética plural de la naturaleza*. Barcelona: Laertes, 2006.
- SAUER, Carl. The Morphology of Landscape. In AGNEW, J. et. all. *Human Geography: an essential anthology*. Oxford: Blackwell, 1996.
- SERRÃO, Adriana Veríssimo (coord.). *Filosofia da paisagem: uma antologia*. 2 ed. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2013.
- SIMMEL, Georg. *Goethe*. Buenos Aires: Editorial Nova, 1949.
- SIMMEL, Georg. Filosofia da Paisagem. In SERRÃO, Adriana Veríssimo (coord.). *Filosofia da paisagem*. Uma antologia. 2 ed. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2013.
- SLOAN, Phillip R. Kant on the history of nature: the ambiguous heritage of the critical philosophy for natural history. *Stud. Hist. Phil. Biol & Sci.* n. 37 (2006), p. 627-648.
- SPIX, Johann Baptist von. *Viagem pelo Brasil: 1817-1820*. 3 volumes. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1981.
- STEINER, Rudolf. *Arte e estética segundo Goethe: Goethe como fundador de uma estética nova*. São Paulo: Antroposófica: Centro de Artes de São Paulo, 1994.
- TALON-HUGON, Carole. De lo sublime a lo abyecto. In SALABERT, Perre; PARRET, Herman; CHÂTEAU, Dominique (dir.). *Estética plural de la naturaleza*. Barcelona: Laertes, 2006.
- VITTE, Antonio Carlos. Natureza em Alexander von Humboldt. *Mercator*, Fortaleza, vol. 9, n. 20, 2010, set./dez., p. 179-195.
- VITTE, Antonio Carlos. Kant, Goethe e Alexander von Humboldt: estética e paisagem na gênese da Geografia Física Moderna. *ACTA Geográfica*, Boa Vista, v.4, n.8, p. 7-14, jul./dez., 2010.
- VITTE, Antonio Carlos. A *Physische Geographie* de Immanuel Kant: descrição e história da natureza. *Confins* (Revista franco-brasileira de geografia), São Paulo, v. 22, n. 22, p. 1-12.
- WALLS, Laura Dassaw. *The passage to Cosmos: Alexander von Humboldt and the shaping of America*. Chicago and London: Chicago University Press, 1992. SCHAMA, Simon. *Landscape and Memory*. New York: Vintage Books, 1995.
- WERLE, Marco Aurélio. O mar e a alma: metáforas marinhas em território alemão. *Trans/Form/Ação*, São Paulo, v. 30, n. 1, 225-234, 2007.
- WERLE, Marco Aurélio. *A aparência sensível da ideia: estudos sobre a estética de Hegel e a época de Goethe*. São Paulo: Edições Loyola, 2013.
- WIED, Maximiliano, Prinz von. *Viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1989.
- ZIMMER, Jörg. La dimensión ética de la estética del paisaje. In NOGUÉ, Joan (ed.). *El paisaje en la cultura contemporánea*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2008.